



**A BIOGRAFIA E O BIOGRAFADO: REFLEXÕES SOBRE AFONSO HENRIQUES
DE LIMA BARRETO**

**THE BIOGRAPHY AND THE BIOGRAPHED: RELECTIONS ABOUT AFONSO
HENRIQUES DE LIMA BARRETO**

Luciana da Costa Ferreira¹

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo estudar a figura do escritor carioca Lima Barreto. A ênfase desse estudo é na análise das contradições do biografado. Discutindo assim, que uma biografia não é a organização linear de uma vida, já que esta tem como marca maior a pluralidade.
PALAVRAS-CHAVE: literatura brasileira, crítica literária, biografia, lima barreto, futebol.

ABSTRACT: This text aims to study the profile of Lima Barreto, a writer from Rio de Janeiro. The mean analysis will be about life's contradictions. Discussing that the biography can't define a life as a linear way, because of the plurality of its trajectory.

KEY-WORDS: brazilian literature, literature critcs, biography, lima barreto, football.

Tentar compreender uma vida como acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um “sujeito” cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede.
Bourdieu

Inicialmente, é importante mencionar que as ideias que se seguem partiram das seguintes indagações: Como os pesquisadores vêm fazendo uso da vida de determinadas figuras históricas? Será que as biografias, ou seja, as análises da vida de indivíduos, não vêm sendo vistas de modo fundamentalmente linear?

De fato, muitos biógrafos e pesquisadores em geral querem dar uma unidade ao biografado. A vida se torna, dessa maneira, uma estrada com algumas curvas rumo a um destino final que é a própria morte. Porém, em uma trajetória de vida não há somente “retas” e “curvas”. Há, de fato, bifurcações, caminhos que não foram seguidos, outros que nem sequer foram

¹ Luciana da Costa Ferreira, especialista em Literatura Portuguesa e Africanas pela UFRJ e mestre em Teoria Literária pela UFRJ. E-mail: lucnardo@yahoo.com.br



avistados. O fundamental é que a vida não é uma via de mão única. Os seres-humanos tropeçam, vacilam, desistem, retornam. Com isso, a biografia é um terreno instável em que incoerências, indecisões devem ser levadas em conta. As aparentes contradições do biografado permitem ao pesquisador um estudo mais complexo do que uma simples narração de uma sucessão de acontecimentos dispostas de modo linear.

A própria especificidade da trajetória de um indivíduo está ligada ao sistema social que o cerca. Por isso, é importante analisar a “superfície social” que rodeia o biografado. Muitas críticas a poetas e romancistas não levam em consideração contextos históricos que não são meros panos de fundo. Além de que a identidade de um indivíduo é constituída por elementos contraditórios e representada de modos diversos com o passar dos tempos. Muitas vezes o olhar de hoje modifica a natureza do indivíduo a ser biografado.

Cabe comentar que nessa grande complexidade do real todo indivíduo acaba tendo a sua individualidade multiplicada. Há, então, a figura do *indivíduo concreto* e a do *indivíduo construído* (BOURDIEU, 2002, p. 190). O primeiro é a personalidade ligada ao que de fato a pessoa foi. Já o segundo é a imagem que a sociedade faz de um indivíduo. Visão essa que, como foi dito anteriormente, é constantemente modificada pela ideologia de uma certa época.

Assim, feitas colocações sobre a complexidade de se realizar um trabalho biográfico, percebe-se que todo indivíduo é contraditório. E que, também, a vida não é algo linear. Por esse motivo, a seguir serão exploradas as contradições da personalidade de um dos escritores que tem a maior parte de sua biografia posta em uma estrada reta e com acentuadas curvas.

1- Lima Barreto: as contradições do intelectual e do indivíduo.

Primeiramente, pela sua tão divulgada biografia, sabe-se que Lima Barreto se mostrava como um incompreendido, um ressentido com o não reconhecimento de seu trabalho. E examinando a sua personalidade, observa-se um indivíduo extremamente fragmentado. E era, justamente, por não saber lidar com essa fragmentação que o escritor tanto se julgava derrotado: “Seria uma grande vida, se tivesse feito grandes obras; mas nem isso fiz.” (BARRETO, 1956b, p. 172). Essa citação revela que o não reconhecimento do talento de Barreto por boa parte da intelectualidade da época fazia com que o romancista tivesse uma visão amarga do mundo e de si mesmo. Aliás, a pesquisadora Maria Zilda Cury ressalta um fatalismo extremo na obra de Lima Barreto e acrescenta que “No decorrer de toda a sua obra, quando faz uso dos termos

‘humanidade’, ‘vida’, ‘mundo’, ‘homens’, estes são sempre adjetivados de modo pessimista” (CURY, 1981, p.47).

Observa-se que Lima Barreto, na sua vasta produção literária, registrava ora um orgulho de sua inteligência e outras tantas vezes lamentava o seu fracasso. Dois sentimentos opostos corroíam o escritor: a certeza de sua inteligência excepcional se chocava com o desprezo dos literatos de prestígio. O próprio quarto onde o romancista do bairro carioca de Todos os Santos dormia e trabalhava simboliza essa alma atormentada, confusa, que não consegue conviver com as injustiças do mundo em sua volta. As paredes do “quarto-escritório” do romancista eram tomadas por recortes de revistas e jornais. Isso denuncia certa ânsia pela busca do conhecimento, uma certa fragmentação do sujeito e uma mente nervosa e conturbada que não conseguia por ordem em um mundo tido pelo escritor como tomado pelo caos.

Uma das contradições que mais incomodavam Barreto era a de ter que ser burocrata e literário. Para o autor era penoso redigir portarias, decretos e avisos quando, na verdade, desejava ter todo o seu tempo dedicado às letras. Ter uma vida burocrática, como popularmente se diz, era algo que agravava seu ressentimento. Em pleno mar de papéis burocráticos a pena do escritor repetia um sufocante ritual. No emprego, inclusive, era comum gozarem de sua mania de ser escritor. Em seu *Diário Íntimo*, por exemplo, Lima Barreto relata que, durante o trabalho, sentiu vontade de escrever uma pequena cena para o seu livro *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, mas sentiu-se desanimado: “Agita-me a vontade de escrever já, mas nessa secretaria de filisteus, em que me debocham por causa da minha pretensão literária, não me animo a fazê-lo. Fa-lo-ei em casa (BARRETO, 1956b, p.97). Da mesma forma, o trabalho como contínuo na Secretaria de Guerra contradizia com a consciência pacífica e crítica de Barreto. Irritava-se, constantemente, com histórias de militares que tanto ouvia e lia na sua repartição: “O que mais me aborrece na vida é esta secretaria. Não é pelos companheiros, não é pelos diretores. É pela ambiência militar, onde me sinto deslocado e em contradição com a minha consciência”.(BARRETO, 1956b, p. 171).

Há uma outra característica na personalidade de Lima Barreto que também merece comentários. O romancista que escrevia com boa desenvoltura para as massas tinha pavor da multidão. Um bom exemplo para ilustrar isso é o episódio ocorrido na conferência *O Destino da Literatura* (BARRETO, 1956c). Ao analisar esse texto, o leitor pode perceber que das dezenove páginas, cinco são ocupadas por hesitações do escritor em se expressar em público: “Tenho, para mim, que, mais do que outros motivos, foi este pavor de auditório que me fez até hoje fugir às



conferências” (BARRETO, 1956c, p.54). E mostra que, embora seja um homem de vida social intensa, possui uma timidez profunda:

/.../eu, apesar de ser um sujeito sociável e que passo, das vinte e quatro horas do dia, mais de quatorze na rua, conversando com pessoas de todas as condições e classes, nunca fui homem de sociedade: sou um bicho-do-mato. (BARRETO, 1956c, p.54-5).

Essas passagens retiradas da conferência parecem se configurar como um prenúncio do desfecho real do evento que seria realizado em Rio Preto, cidade próxima a Mirassol no interior de São Paulo. O temor da multidão de Lima Barreto levou o romancista a preferir a companhia da bebida em um bar do que a das pessoas que iam assisti-lo. Nota-se que, na descrição do romancista — de ser um “indivíduo social” e, ao mesmo tempo, ter pavor de multidão — há um tom adversativo (“Apesar de ser um sujeito sociável /.../ sou um bicho do mato”). Sendo assim, o próprio escritor as vê como elementos contraditórios de sua personalidade, algo, inclusive, negativo, tanto que o levou a desistir de realizar a conferência no interior paulista.

A imagem que o indivíduo Afonso Henriques de Lima Barreto fazia de si era, em muitos momentos, marcada por uma forte negatividade. Apesar de se reconhecer como um escritor de talento, via-se esmagado pelo preconceito. Ao viver certas situações tomava algumas atitudes que - aos olhos de outras pessoas - não tinham sentido algum. Certa vez, quando ainda era estudante da Escola Politécnica, Lima Barreto não seguiu os seus colegas em uma aventura: pular o muro de um teatro para assistir a um espetáculo. Como contou seu antigo colega de quarto Nicolau Ciano o escritor hesitou em realizar a empreitada, pois “preto que salta muros de noite só pode ser ladrão de galinhas!” (BARBOSA, 1975, p.92) Ao passo que para os “rapazes brancos” isso seria visto pela sociedade apenas como uma “estudantada”, ou seja, como uma simples brincadeira de estudantes. Já para o jovem Barreto, “um pretinho”, o destino seria a prisão.

Desse modo, a posição de Afonso Henriques de Lima Barreto de ser negro e intelectual era algo que lhe causava muitos transtornos. Apenas alguns anos após a libertação dos escravos, ser negro na Capital Federal ainda era associado a ideia de escravidão, ou seja, de um ser submisso, inferior. Principalmente em uma sociedade ainda dominada por ex-senhores de escravos. De encontro a isso, o Lima Barreto negro, taxado de submisso, era um intelectual. E a figura do “homem de letras” é relacionada a um sujeito que exerce uma grande influência sobre outras pessoas. Como ficava nosso escritor nessa posição de ser negro/dominado e intelectual/dominador? Certamente, essa “aparente contradição” inquietava o autor suburbano.



Na sociedade da *Belle Époque* ou o indivíduo era negro ou intelectual. E Lima Barreto, na verdade, não conseguia dissociar uma categoria de outra. Muitos autores negros até conseguiram penetrar no mundo dos intelectuais como, por exemplo, Machado de Assis e João do Rio. Porém, Barreto os via com desconfiança. Pensava que tanto o criador de *Dom Casmurro* como o de *A alma encantadora das ruas* se desgarraram de suas origens. Seriam, então, mais intelectuais do que negros.

Essa dualidade entre ser negro e intelectual é bem exemplificada na própria linguagem de Lima Barreto. Ao mesmo tempo em que possui uma escrita simples voltada para o povo, muitas vezes, há a introdução de elementos rebuscados, inacessíveis a grande parte da população. De acordo com Maria Zilda Cury, Lima Barreto utiliza provérbios populares em suas crônicas para aproximar o seu texto da fala popular (CURY, 1981, p.161). Contudo, em várias produções barretianas há uma infinidade de frases, palavras e expressões em língua estrangeira. Em uma crônica denominada *O meu conselho*, publicada no semanário *A. B. C* (BARRETO, 2005, p.92-100), Lima Barreto começa o seu texto com um comentário sobre um anúncio escrito em francês em que um rapaz inglês procura uma brasileira rica para casar. Mais adiante faz uma citação de Balzac em língua francesa. Com isso, grande parte de seus leitores², a quem diz que deseja alcançar com sua literatura, não iriam, certamente, compreender a mensagem do escritor. Isso denota essa oscilação entre o romancista ter um projeto de militância popular e almejar entrar no mundo intelectualizado. Segundo o professor Joel Rufino dos Santos, Lima Barreto tinha a “ambivalência que aflige todo negro intelectualizado num mundo de brancos: pele negra x máscara branca” (SANTOS, 1983, p.45).

Outros posicionamentos de nosso autor tidos como díspares são, exatamente, os que se referem a elementos da modernidade. Na visão de uma série de críticos literários, o romancista de Todos os Santos se contradiz por simpatizar-se com a monarquia, regime que aboliu, mas que criou e manteve a escravidão. Além disso, Barreto era antipático aos imigrantes por estarem ocupando vagas que poderiam ser destinadas aos escravos recém-libertos. O escritor se mostrava, também, um fiel opositor ao movimento feminista, à entrada da mulher no mercado de trabalho e, ao mesmo tempo, condenava os abusos à mulher. Desse modo, escritor que seria um dos pioneiros do uso de uma linguagem consagrada na Semana de Arte Moderna de 22 criticava a modernidade (os arranha-céus, o futebol) e defendia estruturas típicas da sociedade monárquica (como a exclusão das mulheres das eleições). Como bem disse Antonio Arnoni Prado, em Barreto “/.../ se chocam, frente a frente, a visão do novo e a permanência do velho” (PRADO, 1976, p.11). Aliás, Lima Barreto deixou evidente o seu posicionamento frente a isso ao declarar

² Lima Barreto dizia que o seu leitor ideal deveria ressurgir da grande massa e não da restrita elite carioca.

no artigo *Aos poetas*: “Não sou contra a inovação, mas quero que não rompa de todo com os processos do passado, senão o inovador arrisca-se a não ser compreendido”(BARRETO, 1956c, p.223).

Em uma análise minuciosa desses “aparentes paradoxos” observa-se que o grande equívoco de muitos críticos é, exatamente, taxar todos esses posicionamentos de Barreto como conservadores. Todavia, em muitos deles corre-se o perigo de se realizar uma visão anacrônica do autor. Já em outros, fica claro que Barreto ainda tem resquícios do patriarcalismo na sua formação ideológica. Evidenciando-se, assim, o quanto complexa é a figura de Lima Barreto. Por isso, nos parágrafos que se seguem é importante focar especificamente um tema que acaba dando ao autor de *Os Bruzundangas* um rótulo de conservador: o futebol.

Em primeiro lugar, quando o leitor moderno tem acesso às crônicas de Lima Barreto sobre o futebol, a primeira impressão é, certamente, de estranheza. Afinal, como o escritor que é proclamado como a voz dos subúrbios pôde ter tanta ojeriza a uma manifestação popular como o futebol? Será essa uma atitude contraditória de nosso autor? Antes de análises precipitadas, o leitor pode redirecionar a sua pergunta: qual seria, então, o significado que o futebol possuía para que Barreto o abominasse tanto a ponto de ajudar a fundar uma “liga contra o *foot-ball*”?

Antes de tudo, cabe mencionar que, no início do século XX, o futebol era um esporte típico da elite carioca. Como nos diz o historiador Leonardo Pereira, autor de um excelente livro sobre o assunto³, “Longe de ser um esporte nacional, o jogo era praticado majoritariamente por jovens endinheirados que iam fazendo dele um misto de diversão e de distinção, na formação de clubes privados nos quais pudessem reunir-se e praticar o esporte” (PEREIRA, 1998, p.195-6). Para manter essa feição de esporte de elite havia uma série de mecanismos para excluir o povo da prática desse nobre desporto. E será exatamente essa diferenciação social um dos primeiros alvos de Lima Barreto contra o futebol. Nas análises de Lima Barreto, fica clara a sua repulsa por um esporte que vetava a participação de negros. Realmente, havia uma distinção social nos clubes e Barreto via nessas atitudes uma continuação de um passado de segregação racial. O fato é que a Liga Metropolitana de futebol excluía de seus quadros jogadores negros, operários, cocheiros, barbeiros, soldados, enfim todos aqueles que não pertenciam à alta sociedade. Assim, quando o criador de Policarpo Quaresma funda uma “Liga contra o *foot-ball*” com seus amigos, não luta, na realidade, contra o esporte, mas sim em oposição às desigualdades sociais propagadas pelo futebol e pelo tipo de sociedade que esse esporte exemplifica.

³ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro-1902- 1938*. RJ: Nova Fronteira, 2000.

Com isso, o fator que mais irritava Barreto era a ideologia de classe que existia por trás desse esporte. É fato que o futebol representava um projeto político-ideológico de uma elite que ansiava por um desporto que marcasse a sua diferenciação com relação às demais classes sociais. E Lima Barreto, em suas análises sobre o futebol, percebe muito bem esse outro viés da questão. Havia, de certo, o projeto de se construir através do futebol a imagem de um Brasil branco, civilizado e com ares europeus. A proposta de se excluir jogadores negros da seleção brasileira de um campeonato sul-americano, exigida pelo próprio presidente Epitácio Pessoa, ilustra bem esse projeto de construção de uma identidade nacional ficcional. Na própria obra satírica *Os Bruzundangas*, Lima Barreto brinca com essa imagem ao descrever o país “fictício”: “Bruzundangas, País rico-café, cacau e borracha. **Não há pretos**”.(grifo meu).(BARRETO, 1997, p.149). No entanto, a grande ironia da História foi a do futebol ter se tornado um fenômeno de massas. Houve uma notável quebra de um projeto fidalgo construído pela elite. Foi, precisamente, o processo de popularização desse desporto que destruiu esse “nobre empreendimento”. O maior exemplo do descontentamento da elite com a popularização do futebol é simbolizado no goleiro Marcos. O jovem defensor da seleção brasileira era filho de família aristocrática e só entrava em campo com camisas de seda. O jogador - branco, refinado e de boa educação - representava a imagem fidalga do futebol construída pela elite. Em 1919, o goleiro, que admitiu não pular no chão para não sujar suas camisas, se decepcionou com a quebra da nobreza no esporte. Com isso, aos 27 anos, abandonou o futebol alegando a perda da elegância e da distinção nesse desporto.

Essa força social que o futebol ganhou acabou sendo sentida por críticos desse esporte como Lima Barreto que, em 1922, presenciara a popularização do jogo de “bola no pé”: “Não há rico nem pobre, nem velho nem moço, nem branco nem preto, nem moleque nem almofadinha que não pertença virtualmente pelo menos, a um club destinado a aperfeiçoar os homens na arte de servir-se dos pés” (BARRETO, 1956d, p.281). O único problema do escritor - que é tido como porta-voz dos excluídos - foi, seguramente, não ter percebido que, nesse caso, o povo conseguiu uma significativa vitória frente a um projeto elitista.

Um outro fator que ocasionava repulsa de Lima Barreto ao futebol está associado a sua incansável luta contra escritores de linguagem rebuscada. Sabe-se que o maior defensor do futebol era o escritor Coelho Neto, um dos sócios do “*Fluminense Football Club*”. Aliás, segundo o professor Joel Rufino, “Coelho Neto/.../ tinha uma visão olímpica do futebol/.../. Comparava os arredores do estádio do Fluminense à Grécia”. Além de que, o futebol só deveria “/.../ ser coisa de fortes, escolhidos, guerreiros, atléticos -não fora concebido para esquilidos suburbanos



de cor indefinida. Queria o novo esporte para os jovens superiores; para os pobres, queria o serviço militar obrigatório” (SANTOS, 1983, p. 41).

A implicância de Barreto com esse renomado autor ficou registrada em uma sátira presente na obra *Os Bruzundangas*, na qual um episódio narrado remete-se ao famoso discurso que Coelho Neto fez na inauguração da piscina do Clube das Laranjeiras. Nesse fato narrado por Lima Barreto, há a apresentação de uma história em que um rico milionário (certamente Arnaldo Günle) quer inaugurar um imenso tanque de banho para cavalos em sua chácara (no caso a piscina do clube de futebol). Para isso, chama o maior literário da Bruzundanga (uma paródia de Coelho Neto) para realizar um pomposo discurso.

Barreto, também deixa claro o seu repúdio a Coelho Neto em uma famosa crônica intitulada *Histrião ou literato?* (BARRETO, 1956c, p.163-67). Nesse texto, o autor carioca refere-se ao intelectual das Laranjeiras como um histrião, ou seja, um típico “bobo da corte”. O autor de *Bagatelas* mostrava-se indignado pelo fato de um clube de futebol merecer discursos altamente poéticos de um escritor. A Literatura era para Lima Barreto algo que não deveria estar associado a um esporte tido como brutal, virulento e excludente. O principal é que Coelho Neto simboliza um modelo literário oposto ao de Lima Barreto. Nesse caso, as implicâncias do romancista do subúrbio iam além da questão futebolística. Se o autor de *A Capital Federal* realizava uma literatura para poucos iniciados, Lima Barreto tinha um projeto de escrita voltado para as massas visando diminuir a distância entre os intelectuais e o público.

Constata-se que a briga de Lima Barreto com Coelho Neto era mais literária do que futebolística. O que realmente estava em jogo era uma oposição sobre a função da literatura. Uma que valorizava o estilo artificial, ornamental e outra que priorizava a clareza, a simplicidade. O que Coelho Neto desejava era uma cultura restrita à burguesia, já Lima Barreto tinha um projeto de massificação da literatura. Como um intelectual militante, Lima Barreto queria mostrar aos seus leitores que a opressão vinha de pessoas como Coelho Neto que queriam fazer do Brasil um país com privilégios para poucos e o futebol e a linguagem eram um desses instrumentos de controle.

Em contrapartida, uma reviravolta no aspecto social do futebol mereceu uma atenção maior do romancista: a partir de 1910 o futebol alcança popularidade e rompe a cerca armada pela elite. A partir desse momento a inquietação maior de Barreto é entender o porquê desse esporte, inicialmente de elite, ter se popularizado. O autor de *Numa e Ninfa* não conseguia compreender a devoção exagerada das populações carentes pelo futebol. E se revoltava pelo fato de um povo tão necessitado se mobilizar para partidas de futebol e não se rebelar com o mesmo



fervor por justiça social. Sendo assim, Lima Barreto via no futebol uma prática extremamente alienante que desviava a atenção do povo de assuntos primordiais como a educação, a saúde, a miséria. É relevante notar que Lima Barreto reforça esse viés alienante no futebol e não o percebe como uma das arenas onde se travavam as lutas de classes. Justamente foi no jogo de futebol que os negros conseguiram uma de suas principais vitórias após a recente libertação dos escravos.

O futebol é descrito pelo escritor como um instrumento de domínio por parte da elite que mantém a população “distraída” de problemas maiores. Entretanto, é notável lembrar que esse posicionamento de Lima Barreto é sustentado por uma visão política de mundo que perpassa em todo o seu pensamento crítico: o anarquismo. Segundo os preceitos dessa teoria política, o futebol e o carnaval seriam o “ópio do povo”, ou seja, atividades que não produzem uma conscientização crítica. No entanto, será no apoio excessivo de Barreto nessa visão de mundo que constará um dos deslizos na análise do escritor do subúrbio sobre o fenômeno de popularização do futebol. A visão de Barreto apresenta dois problemas de enfoque. O primeiro refere-se ao fato de Barreto não distinguir o popular da alienação. A massificação de um esporte não está associada à alienação, a uma falta de conscientização de um processo. Muitas vezes Lima Barreto subestima demais a força da população. O modo de luta que o povo adota no Brasil é que difere do que o escritor imaginou. O povo Brasileiro não carrega em si a tradição de enfrentar os dominadores de “peito aberto”, como queriam os anarquistas, pois a luta no Brasil é mais velada, menos aparente, isto é, cotidiana.

Um outro problema no posicionamento do escritor é o de não ver o futebol como fator de sociabilização. O autor não consegue enxergar o esporte com os olhos do povo, pois o seu ponto de vista é, certamente, muito intelectualizado e, sobretudo, guiado pelos ideais anarquistas. O interessante a ser destacado é que muitos trabalhadores viam nesse desporto um modo de ter sua rede de sociabilidade alargada. Como nos diz o professor Leonardo Pereira, nos pequenos clubes de futebol do subúrbio “No lugar da disciplina, o lazer; ao invés da regeneração, a consolidação de práticas culturais que transformavam esses pequenos clubes nos grandes centros recreativos dos subúrbios”. E, em muitos casos, essa criação de Clubes permitiu até a organização de associações de trabalhadores. Esses sindicatos, ao organizarem festivais operários, faziam do jogo de futebol uma forma de atrair o público. (PEREIRA, 1998, p.221). Dessa forma, existiam os chamados “times operários” como o “Bangu *Athletic Club*” e o “Carioca *Foot-ball Club*” que eram de origens fabris e agregavam os trabalhadores das fábricas de tecidos que tinham o mesmo nome dos clubes. Outros, como os times “Operários” e “Primeiro de Maio *Foot-ball Club*”,



reuniam trabalhadores de diversos setores da economia. Isso prova que, o que Lima Barreto vê como opressão e ilusão, os trabalhadores entendiam como conquista. Na verdade, ter um local para sociabilização era importante para o operariado porque criava um espaço de organização e de construção de uma identidade.

Vale lembrar que, na teoria crítica produzida sobre Lima Barreto, muito se tem dito sobre o porquê do romancista não simpatizar com o futebol. Dentre várias opiniões, pode-se destacar a do intelectual Luís Martins. Segundo o autor do artigo *O suburbano Lima Barreto*, o conservadorismo era uma marca típica dos moradores do subúrbio visto que esses moradores eram apegados ao passado e nostálgicos pelos tempos do Império. Bem como, a rabugenta má vontade barretiana com o futebol e também o cinema, no fundo, eram

a sua aversão ao “progresso”, era a sua mentalidade conservadora de suburbano, infensa às inovações que lhe ditava as inexplicáveis reservas, a franca repulsa com que via a sua velha cidade adotar hábitos e costumes novos, que o seu apego sentimental ao passado não podia aceitar e compreender. (MARTINS, 1962, p.25).

Nessa passagem há uma afirmação de que Lima Barreto e o suburbano em geral tinham “aversão ao progresso”. Mas, à luz de tudo o que foi discutido, percebe-se que os motivos de nosso romancista eram outros. No que se refere ao futebol, pode-se concluir que Lima Barreto não possui, como Luís Martins colocou, opiniões conservadoras. Inclusive, é forçoso dizer que o subúrbio possui uma mentalidade conservadora⁴. E a própria análise da estrutura do pensamento crítico de Lima Barreto, morador do subúrbio, prova que não se pode tipificar que todo suburbano é conservador. Ademais, em qualquer período histórico há pessoas conservadoras independente da classe social em que ocupem. Cabe comentar que, para o leitor de hoje, fica claro o quanto elitista e preconceituosa é essa constatação de Luís Martins. O suburbano não era, de fato, contrário ao progresso. Na realidade, o povo, por exemplo, se postou contra a remodelação da capital porque foi excluído desse processo de modernização⁵.

Em confronto a isso, o autor Afonso Carlos Marques afirma que não se pode taxar Lima Barreto como um opositor ao progresso. Segundo o intelectual, as posições de Lima Barreto

⁴ Nessa lógica de pensamento estaria, então, subentendido que os habitantes do centro da cidade e da Zona Sul (leia-se Botafogo) teriam mentalidades modernas em oposição ao conservadorismo dos suburbanos.

⁵ Como aconteceu no caso das demolições dos cortiços que levaram milhares de pessoas a procurarem, sem a ajuda do governo, um outro tipo e lugar para habitar (como, por exemplo, as favelas e a migração para os subúrbios).



“antes de conservadoras, eram humanistas e fundadas numa sensibilidade aguçada em relação às questões sociais” (SANTOS, 1983, p.25). No que se refere, por exemplo, às inovações na arquitetura da cidade, Lima Barreto via com desolação e revolta o apagamento do passado colonial da cidade. Na crônica *O Convento*, o romancista relata que “/.../ não se pode compreender uma cidade sem esses marcos de sua vida anterior, sem esses anais de pedra que contam a sua história” (BARRETO, 1956a, p.85). Lima Barreto não era um opositor ao progresso, mas sim à demolição da própria história do Rio de Janeiro. Como definiu Afonso Carlos o escritor realizava uma defesa dos marcos de identidade da cidade, ou seja, dos suportes materiais da memória social do espaço urbano (SANTOS, 1983, p.32). A intelectual Monica Veloso tem posição análoga ao pensamento de Afonso Carlos Marques, porque, segundo a historiadora, a crítica barretiana não estava em desacordo com a modernidade, pois significava “/.../ desaprovação dos rumos que esta veio tomar em nossa sociedade” (VELOSO, 1996, p.25). Lima Barreto estaria censurando o caráter excludente e não de inclusão do processo de modernização urbana. Como também, defende a manutenção de elementos que marquem a história de uma cidade.

As críticas de Lima Barreto ao futebol são extremamente válidas se o leitor dialogá-las com o contexto social da *Belle Époque*. O problema de Barreto não era a sua oposição ao esporte, mas sim a sua dificuldade em entender que a opção da população pela prática de um esporte não desmerecia a sua luta, velada e cotidiana, pela opressão empreendida pela elite brasileira.

Um fato curioso não deve deixar de ser citado, em um artigo denominado *Lima Barreto, escritor popular*, o romancista Jorge Amado fornece uma informação interessante. Nas palavras do próprio criador de *Gabriela*:

Um *club* suburbano, um destes *clubs* pobres que cultivam o *foot-ball*, clube que os jornais chamam de pequenos porque não possuem grandes estádios — anunciava, um jogo qualquer. Aliás não estou certo se era um jogo ou uma feijoada. Acho mesmo que era um jogo acompanhado de feijoada; o que é sem dúvida, uma coisa completa, Até *abí* nada de mais, Porém sabem qual era o nome deste *club*? Chamava-se **Lima Barreto Foot-ball Club. (grifo meu)** (AMADO, 1935, p.3).

Ironias à parte, percebe-se que ao explorar as “aparentes” contradições de Lima Barreto, os posicionamentos do romancista ficam mais claros. Os rótulos como o de ser totalmente conservador ou de ser antiprogressista são esvaziados. E percebe-se bem que as opiniões de nosso romancista não são lineares, porque toda identidade é múltipla. Além de que, a leitura que



Barreto faz do mundo move-se de modo dialético. Por isso, ao analisá-las os críticos literários devem aprofundar-se no que é plural e não reforçar os estereótipos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- AMADO, Jorge. **“Lima Barreto escritor popular”** in: *A manhã*, RJ, 02/07/1935, p.3.
- BARBOSA, Francisco de Assis. **A Vida de Lima Barreto**, 1881- 1922. 5ª ed., RJ: J. Olympio; Brasília: INL, 1975.
- BARRETO, Lima. **Bagatelas**. SP: Brasiliense, 1956a.
- _____. **Diário Íntimo**. SP: Brasiliense, 1956b
- _____. **Impressões de Leitura**. Brasiliense, 1956c.
- _____. **Lima Barreto/** seleção e prefácio Beatriz Resende. SP: Global, 2005. (Coleção Melhores Crônicas).
- _____. **Os Bruzundangas**. 5ª ed., RJ: Ediouro, 1997.
- _____. **Vida Urbana**. SP: Brasiliense, 1956d
- BOURDIEU, Pierre. **“A ilusão biográfica”**. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (coord). **Usos & abusos da história oral**. 5ª ed., RJ: Editora FGV, 2002, p.183-191.
- CURY, M. Zilda Ferreira. **Um mulato no reino de Jambon: as classes sociais na obra de Lima Barreto**. SP: Cortez, 1981.
- MARTINS, Luis. **“O suburbano Lima Barreto”**. In: *Homens e Livros*. SP: Conselho Estadual de Cultura/ Comissão de Literatura (Coleção Ensaio), p. 23-26.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro- 1902- 1938*. RJ: Nova Fronteira, 2000.
- _____. **“O jogo dos sentidos: Os literatos e a popularização do futebol no Rio de Janeiro”** In: CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Miranda (orgs). *A História Contada: capítulos de história social da Literatura no Brasil*. RJ: Nova Fronteira, 1998, p. 195-6.
- PRADO, Antônio Arnoni. *Lima Barreto: o crítico e a crise* RJ: Cátedra; Brasília, INL, 1976.
- RUFINO, Joel. **“Sociedade e problema racial na obra de Lima Barreto”**. In: SANTOS, Carlos Marques dos (coord.). **O Rio de Janeiro de Lima Barreto**. RJ: RIOARTE, 1983, v.2.



SANTOS, Afonso Carlos Marques dos. **“Lima Barreto e as contradições sociais de seu tempo”** In: SANTOS, Afonso Carlos Marques dos (coord). *O Rio de Janeiro de Lima Barreto*, RJ: RIOARTE, 1983, v.2.

VELOSO, Monica Pimenta. **Modernismo no Rio de Janeiro: turunas e quixotes**. RJ: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.